

---

## O Ambientalismo e a Urbanidade

---

Embora o termo *Ambientalismo* refira-se à ascensão aos quadros da esfera política da questão ambiental, não é anacronismo buscar suas manifestações anteriormente (mesmo que sem essa palavra); e também não é anacronismo buscar essas manifestações em confronto com o mundo urbano e com o que está sendo chamado de *Urbanidade*, que é o que será feito agora:

*QUESTÃO: O movimento ambientalista que criou uma nova consciência social e uma nova institucionalidade obrigaria à cidade adequar-se às questões suscitadas pela crise ambiental, afinal hoje os desejosos de um mundo urbano melhor, falam mais em sustentabilidade do que em espaços públicos, por exemplo?*

- Várias concepções urbanísticas do século XX assimilaram em seus projetos e ações o viés da natureza, do ambientalismo, mesmo antes da palavra:

Ambientalismo e urbanismo modernista: A concentração, vista como caótica, foi alvo do modernismo: seus objetivos levarão os urbanistas modernistas a fazer o velho espaço fechado explodir para desdensificá-lo, para isolar no sol e no verde, edifícios que deixam de ser ligados uns aos outros para tornar-se “unidades” autônomas. A consequência maior é a abolição da rua, estigmatizada como um vestígio de barbárie, um anacronismo. Abolição da rua significa: mudança do regime de proximidade. Paralelamente, a maior parte dos urbanistas preconizará a construção elevada, para substituir a continuidade dos velhos imóveis baixos por um número reduzido de unidades ou pseudocidades verticais (Françoise CHOAY, 1979, p. 21-22).

Ambientalismo e urbanismo culturalista: Apregoava uma aproximação com a natureza por meio de dimensões modestas da aglomeração que deveria estar rodeada e atravessada por formações naturais. A aversão às grandes cidades é manifestada claramente. No final do século XIX surge uma formulação que celebrizou esse entendimento, a partir da figura de Ebenezer Howard, com as cidades-jardim.

*A vertente mais importante dessa influência começa mais ou menos com Ebenezer Howard, repórter britânico de tribunais, cujo passatempo era o urbanismo [...] Ele detestava não só os erros e os equívocos da cidade (Londres), mas a própria cidade, e considerava uma desgraça completa e uma afronta à natureza o fato e tantas pessoas terem de conviver aglomeradas. Sua receita para a salvação das pessoas era acabar com a cidade. Ele propôs [...] repovoar a zona rural [...] construindo um novo tipo de cidade, a Cidade-Jardim, onde os pobres da cidade poderiam voltar a viver em contato com a natureza [...] sua meta era criar cidadezinhas auto-suficientes [...] (JACOBS, 2000, p. 17).*

Ambientalismo e urbanismo naturalista: A expressão mais célebre é *broadacre city* de Frank Lloyd Wright. Em sua visão “[...] a grande cidade industrial é acusada de alienar o indivíduo no artifício. Só o contato com a natureza pode devolver o homem a si mesmo e permitir um harmonioso desenvolvimento da pessoa como totalidade” (CHOAY, 1979, p. 30). Outra versão curiosamente semelhante brotou na União Soviética. Os desurbanistas soviéticos dos anos [19]20, liderados por Moisei Ginsburg e Moisei Okhitovich, argumentavam, como Wright “[...], que as tecnologias ligadas a eletricidade e às novas formas de transporte, sobretudo o automóvel, permitiriam que as cidades se esvasiassem” (HALL, 2002, p. 338). E eles desejavam isso, pois viam na cidade herdada do regime anterior, o invólucro espacial do capitalismo (a densificação, a concentração), a divisão de trabalho opressora, e o afastamento da natureza. A desdensificação seria a contrapartida da descentralização do capital.

Ambientalismo e a suburbanização (periurbanização): Campos Floridos, Vale das Macieiras, Parque dos Carvalhos, os EUA compunham um cenário favorável para concepções de urbanismo, cujas

posturas contrárias às grandes cidades eram notórias. As avaliações a respeito da suburbanização americana destacam a primazia da motivação comunitária que de resto é um elemento constituinte da formação social daquele país. Há três aspectos concretos associados ao processo de suburbanização: 1. A casa unifamiliar de propriedade individual associada a um jardim; 2. A “busca da natureza” e 3. O automóvel.

#### QUAL O ARGUMENTO ANTICIDADE

- As condições ambientais de boa parte das grandes cidades não eram (não são) boas. Em especial, nas metrópoles dos países pobres. O importante geógrafo brasileiro Aziz N. Ab’Saber assim se refere à questão:

*“A maior parte dos estudos de ecologia urbana realizada no passado, até o início dos anos [19]70, silenciavam sobre as consequências negativas da excessiva concentração humana em espaços relativamente reduzidos. Como não existia uma consciência ambiental mais difundida na sociedade (e, sobretudo, na mídia), numerosos problemas do ambiente urbano-industrial eram relegados a um tratamento meramente técnico.” (AB’SABER, 1995, p. 10).*

Aziz Ab’Saber propugna uma nova ecologia urbana que compreende o estudo da projeção da sociedade e das funções socioeconômicas sobre o ambiente das cidades, preocupando-se com a funcionalidade do organismo urbano (1995, p. 10). Que assimila à cidade a um organismo. No seu argumento sobre os males da concentração, o autor vai empregar a ideia de metabolismo urbano, que está perfilada junto a questões sociais importantes, como uma questão a ser considerada para chegar-se à sustentabilidade do mundo urbano-industrial. E o que é o metabolismo urbano? O ambiente total do organismo metropolitano onde se processam as funções biológicas da sociedade, assim como nas multivariadas funções de trabalho, circulação, consumismo e práticas sociais e culturais. E avalia a diversidade e o volume de tudo que entra no organismo urbano - água potável, energia solar, precipitações pluviais, água para indústrias, alimentos, matéria prima, produtos industrializados, e, homens (AB’SABER, 1995, p. 12).

Eugene Odum (de quem vem a ideia de metabolismo urbano) usa a noção para mostrar que uma cidade é um ecossistema heterotrófico, dependente de grandes áreas externas a ele para a obtenção de energia, alimentos, água e outros materiais, o que significa 1. Um metabolismo muito mais intenso por unidade de área, exigindo um influxo maior de energia concentrada; 2. Uma grande necessidade de entrada de materiais, como metais para uso comercial e industrial, acima e além do necessário para a sustentação da própria vida; 3. Uma saída maior e mais venenosa de resíduos, muitos dos quais são substâncias químicas e sintéticas mais tóxicas do que os seus precursores naturais (ODUM, 1985, s/n). As cidades alteram a natureza dos rios, das florestas e campos (naturais e cultivados), para não falar na atmosfera e nos oceanos, por causa do seu impacto sobre extensos ambientes de entrada e saída (ODUM, 1985, s/n). Esse sentimento é muito forte, na Alemanha e nos EUA, por exemplo, justamente os centros mais sensíveis à questão ambiental (FERRY, 1994, p. 96).

Mas, será que a cidade está sendo pensada na sua complexidade e na sua produtividade para o humano pelo pensamento ecológico?

*“Do lado da ecologia, a ausência de análise é mesmo condenação, a cidade sendo percebida como o lugar e a causa do superconsumo de energia e do desenvolvimento de uma agricultura que abusa de adubos e pesticidas. A cidade é vista como lodaçal ecológico (P. ANSAY; R. SCHOONBRODT, 1989, p. 64) ”.*

---

## A Urbanidade e o Ambientalismo

---

Resposta à crítica da concentração: A crítica mais comum do ambientalismo às cidades identifica na concentração geográfica objetiva e de pessoas a razão fundamental dos males ambientais, ao passo que Jane Jacobs é uma célebre defensora dessa concentração. Ela entendia que a suposta correlação entre altas densidades e problemas ambientais é incorreta (JACOBS, 2000, p. 223).

As grandes aglomerações urbanas não representam a causa de fundo dos males ambientais, só porque mobilizam maiores recursos para funcionar que qualquer outra configuração espacial. Mesmo porque a mobilização de recursos em grande escala nos dias de hoje vem, é certo, do mundo urbano, mas não exclusivamente, do centro de máxima concentração e diversidade. O urbano desdensificado é igualmente um grande usuário e “predador” dos recursos naturais. Outra coisa: há concentrações de grande porte que não reúnem tantos problemas ambientais em si quanto outras de muito menores dimensões e mais dispersas. A conhecida comparação feita nos anos 1960 entre Los Angeles e Nova York por Jane Jacobs é ilustrativa:

*“Los Angeles que precisa de ajuda de um pulmão mais do que qualquer outra cidade dos Estados Unidos possui mais áreas livres que qualquer outra cidade grande; sua poluição atmosférica deve-se em parte a peculiaridades locais de circulação do ar, mas também ao fato de ser uma cidade muito espalhada e à extensão de áreas livres. As grandes distâncias urbanas implicam um tráfego intenso de automóveis [que] contribui com cerca de dois terços dos poluentes atmosféricos [...] a copiosa distribuição de áreas livres propicia a poluição do ar, em lugar de combatê-la (JACOBS, 2000, p. 99).”*

Vantagens e desvantagens da concentração: Para as práticas pedestres a compacidade dada pela concentração contígua é inteiramente adequada, e mais: *“Uma cidade compacta cria micro (ou meso) climas [...] pouco agressivos [...] se se considera [...] as questões de abastecimento de água, se constatará [...] soluções mais fáceis, mais econômicas e mais ecológicas no modelo europeu de cidade: redes de adução ou de saneamento menos estendidas como resultado da compacidade, desperdícios menores graças a uma gestão mais coletiva, impermeabilização dos solos reduzida em razão de um sistema viário menos invasivo, higrometria melhor controlada pela gestão de espaços verdes [...] (J. LÉVY, 1999, p. 248).”* O fato de a cidade ser concentrada não inviabiliza que ela possua parques, praças esportivas para os amadores, piscinas, centros culturais amplos, etc. Do ponto de vista econômico sai, inclusive, muito mais barato fazer isso do que sustentar um processo de desdensificação com tudo o que ele implica. No entanto, essa criação de espaço no coração urbano – o que aumentaria a urbanidade relativa – será, em boa medida, de espaços públicos.

O contraste é grande entre as opiniões de Aziz Ab’Saber e E. Odum em relação às de J. Jacobs e J. Lévy. Isso demonstra que a relação concentração ↔ má qualidade ambiental está longe de ser óbvia.

O ser humano - autenticidade e natureza: Um aspecto da ideologia ambientalista que se transmuta em ideologia anticidade, muito presente, aliás, na filosofia das criações de Frank L. Wright é que o ser humano encontraria sua harmonia verdadeira quando do contato com a natureza. A cidade seria contra a natureza humana. O que sustenta uma posição dessas? O que sustenta que as cidades são apenas ambientes de moradia e, portanto, podem ser assimiladas à ecossistemas? Não estaríamos diante de simplificações? Se a cidade se identifica a um ecossistema como administrá-la, segundo às lógicas naturais de funcionamento desse organismo, quer dizer, segundo a orientação dos cientistas da natureza?

QUESTÕES: Identificar de forma fácil a cidade como a fonte principal dos males ambientais sem reservar uma palavra ao valor civilizatório das cidades (que entre outros produtos está gerando uma sabedoria para sanar a degradação ambiental) não invalidaria a crítica? Isso não termina contribuindo para o rebaixamento da urbanidade? Desconsiderar que a maior eficiência na produção e uso da energia é produto da cidade, que está longe de ser apenas lapidadora não é certa ingenuidade? Ignorar os males ambientais graves dos ambientes desdensificados também parece precário, afinal não há como organizar formas de transportes coletivos “ecologicamente corretos” para servir áreas pouco densas. Para se evitar as disfuncionalidades da densificação parte da sociedade urbana espalhou seus espaços em direção à metápoles (à exopolis), mas não pode prescindir da urbanidade das áreas mais densas, da cidade propriamente. Logo, esse segmento teve que voltar frequentemente às áreas de maior urbanidade promovendo o que Jacques Lévy denominou como uma “esquizofrenia espacial”: querer se beneficiar da cidade sem nela estar.

CONSEQUÊNCIAS DA DESDENSIFICAÇÃO: No caso a Cidade-Jardim é um paradigma. Os seus críticos têm certo prazer em mencionar que ele estava presente nas *Town chips* da África do Sul do *apartheid*. Elas não se realizaram segundo seu criador (Ebenezer Howard, que para Jane Jacobs estava no grupo daqueles que odiavam as cidades), mas sim como subúrbio-jardim (bairro-jardim). Trata-se de um filho que rompeu com o pai. Havia nas cidades-jardim conceitos de homogeneidade e de comunidade, mas há considerações políticas ou sociais, há uma filosofia razoável, que não há no subúrbio. Elas não eram previstas como localidades de baixa densidade, e a ideia era que fossem autossuficientes. Diferentemente, os subúrbios-jardins se constituirão, posteriormente, como a principal manifestação da desdensificação urbana e não poderão romper sua dependência com a cidade, em razão de sua especialização (HALL, 2002, p. 103). Um exemplo de subúrbio-jardim em Londres é Hampstead. Lá se desenharam ruas sinuosas e irregulares, com a óbvia finalidade, concebida por R. Unwin, de afastar dali o tráfego de veículos, situação essa que permanece até hoje “[...] em toda sua respeitável tranquilidade” (HALL, 2002, p. 122). Esse modelo se difundiu, especialmente nos EUA, incluindo mesmo cidades que eram mais próximas do modelo europeu, como Nova York. Vamos encontrá-lo, inclusive na cidade de São Paulo, na qual a receita de R. Unwin e B. Parker para o subúrbio-jardim foi implementada com rigor: tamanho reduzido para 1000 e 5000 unidades de moradias; terra comprada nos arredores das cidades a preços fundiários mínimos; densidades baixas em relação ao núcleo principal, grande quantidade de espaços livres ruas tortuosas, muita natureza, muitos jardins, pássaros, bairros fetiches do ambientalismo, porém segregados, guetos de ricos, símbolos da desigualdade social, e dos contrastes urbanos, que obrigam o espraiamento e a desdensificação da cidade.

CONSEQUÊNCIAS DA MORTE DA RUA: o urbanismo modernista é fetiche de certas visões ambientalistas, sua cidade radiosa, previa espaços abertos, jardins, muito espaço para penetração da luminosidade, algo que Brasília expressa. Segundo, Peter Hall (e muitos outros críticos dessa visão) a abominação do modernismo pelas ruas sustentava-se numa fisibilidade cega, que rejeitava a multifuncionalidade das ruas e suas funções na ordem de interação social, ao mesmo tempo em que, as entendia como corredores que envenenavam as casas (ambientes insalubres, não sustentáveis, na linguagem atual) e que resultavam em cursos fechados que precisariam ser suprimidos em grande medida. A visão de Le Corbusier, a propósito, era que a rua deveria ser substituída por “fábricas lineares” que comporiam um sistema de circulação inteiramente vinculado ao automóvel. O curioso dessa posição é que as posições modernistas se omitiram sobre as consequências físicas da automobilização: “[...] em parte alguma se faz menção onde guardar tantos carros, ou os problemas ambientais decorrentes do barulho e das emissões dos seus motores, questões como essas foram simplesmente ignoradas” (HALL, 2002, p. 246).